



BOUVET, Rachel; OLIVIERI-GODET, Rita, org. Géopoétique des confins. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2018. 216p. ISBN 978-2-7535 6529 6. www.pur-editions.fr

Zilá Bernd¹

Submetido e aprovado em 2 de dezembro de 2018.

O coletivo organizado pelas pesquisadoras Rachel Bouvet, da Université du Québec à Montréal (UQAM), e por Rita Olivieri-Godet, da

Université de Rennes 2, engloba pesquisas de outros pesquisadores todos eles envolvidos na temática da “geopoética dos confins”. O objetivo principal foi o de reunir artigos que colocassem em primeiro plano paisagens grandiosas como as do deserto, da floresta, da tundra, dos grandes rios, da planície assim como os espaços submetidos às forças vivas dos elementos, colocando “corpo e espírito à prova” (p. 7). Como explicam as organizadoras desta instigante obra, na introdução, o objetivo principal foi o de reunir pesquisadores que tivessem em comum grande sensibilidade por paisagens, tendo cada um escolhido sua predileção por algum dos ecossistemas evocados.

Começando pelas perspectivas teóricas, três textos tentam dar conta de um corpus ainda novo de pesquisa que é a geopoética. Rachel Bouvet, em texto intitulado “Paisagens dos confins: desertos, mares, florestas” os quais ocupam 88% da superfície do planeta, coloca a incontornável pergunta sobre a maneira como habitamos a terra e o modo como os seres humanos se adaptam a seu meio-ambiente. Seu artigo irá focalizar a questão dos limites, das margens e das fronteiras. Esse artigo teórico, assim como os demais,

trabalha no plano da interdisciplinaridade, envolvendo geografia, paisagem, história das sensibilidades e da filosofia, como a questão do sublime, por exemplo. Entre os principais aportes teóricos são citadas as obras do próprio Grupo de pesquisas da UQAM sobre Geopoética, os trabalhos de Michel Collot sobre a noção de paisagem literária, e de Kenneth White, um dos criadores desse campo disciplinar que conhecemos como “Geopoética”. O segundo artigo teórico, assinado por Christophe Roncato-Tounsi, aborda a figura do criador da disciplina “Kenneth White: le monde Rannoch moor”, e sua temática principal: as relações entre espaço-tempo e a errância tanto física como espiritual. O terceiro e último artigo teórico é de autoria de Rita Olivieri-Godet e trata do “*Espace-évanoui* do continente americano e o imaginário dos confins”, no qual a autora procura abordar a árdua questão da hermenêutica dos lugares.

Os demais capítulos terão sugestivamente por títulos, aspectos geográficos, começando pela tundra com um estudo de Nelly Duvicq que aborda “As palavras da **tundra**: poética do território na literatura inuit”, passando para a **planície**, com a reflexão da professora brasileira da

UNEB, Licia Soares de Souza, intitulado: “A geopoética dos confins de Francine Ouellette”. A seguir, no capítulo sobre a **floresta**, temos dois trabalhos: o primeiro assinado por Elise Lepage que aborda “A emergência de uma subjetividade dos confins: as primeiras antologias de François Turcot”; e o segundo de Leonor Lourenço de Abreu intitulado “De uma floresta à outra: deambulações poéticas de Benjamin Péret”.

O capítulo sobre o **rio**, de autoria da professora da Sorbonne Nouvelle (Paris 3), Brigitte Thiérion, focaliza “A experiência poética do grande rio na obra de João de Jesus Paes Loureiro: proposição para uma leitura geopoética”. Por fim, a última parte aborda o **deserto** com um capítulo de Elisabeth Vauthier: “Entre a rocha e a areia, a narrativa do Saara como leitura imemorial do humano em *Le seignement de la pierre*, de Ibrahim Al Koni”.

Nas conclusões as duas organizadoras do coletivo Rachel Bouvet e Rita Godet salientam o caráter inovador da obra que abordou textos literários a partir do enfoque sobre os limites, sobre a alteridade, sobre a noção dos confins, que se constitui como uma noção geopoética por excelência. “A geopoética aparece no

final das contas como um campo artístico, existencial e acadêmico, um campo de pesquisa e de criação aberto sobre o que está do lado de fora.” Nessa medida, o livro interessa tanto a pesquisadores preocupados com aspectos como o espaço na literatura, como os professores da área da geopoética bem como os de áreas interdisciplinares interessados em descolonizar o imaginário “questionando o papel das margens e das fronteiras interculturais”. Os amantes das literaturas brasileira, canadense francófona e anglófona, francesa, *inuit* e árabe terão todo o interesse em conferir essas análises elaboradas de um ponto de vista inovador que é o da chamada “geopoética dos confins”, perspectiva que questiona preconceitos, reivindicando a mestiçagem de povos e de culturas. Vale conferir.

Notas

¹ Professora do Mestrado em Memória Social e Bens Culturais do Unilasalle, Canoas, Rio Grande do Sul. Pesquisadora 1b do CNPQ. zilabster@gmail.com.